

O MAR, O FEMININO E A MULHER NA OBRA DE MARGUERITE DURAS

DALZA GUIMARÃES CAVALCANTI

O MAR, O FEMININO E A MULHER NA OBRA DE MARGUERITE DURAS¹

THE SEA, THE FEMININE AND THE WOMAN IN THE WORK OF MARGUERITE DURAS

DALZA GUIMARÃES CAVALCANTI²

dalzadzg@gmail.com

<http://orcid.org/0009-0009-3736-5445>

Resumo

Fomos, como Jacques Lacan, arrebatados pela beleza da escrita de Marguerite Duras. Nela, há o encontro com aquela região ainda não explorada, aquele branco da sequência do feminino, conforme apontou a autora Xavière Gauthier, em livro intitulado *Boas Falas, Conversas sem Compromisso*. A escrita de Marguerite Duras se nos atravessa e nos indaga sobre o estranho que habita em cada um. Quem somos nós, como nos reconhecer, por quem nos tomamos até o momento em que nos encontramos com o grito? O que dizer acerca do mar, da memória e do mistério, do desconhecido que carregamos dentro de nós? Percorrer suas inquietantes linhas é o desafio que exploramos em sua aproximação entre o feminino e o irrepresentável, mas que insiste em se colocar.

Palavras-chave: Arrebatamento. Irrepresentável. Feminino. Dor. Marguerite Duras.

Abstract

We were, like Jacques Lacan, captivated by the beauty of Marguerite Duras' writing. In it, there is an encounter with that region that has not been explored yet, that white part of the feminine sequence, as pointed out by author Xavière Gauthier, in a book entitled Boas Falas: Conversas sem Compromisso. Marguerite Duras' writing touches us and asks us about the strange that lives in each one of us. Who are we, how do we recognize ourselves, who do we take ourselves for until the moment we encounter the scream? What can we say about the sea, memory and mystery, the unknown that we carry within us?

¹ Uma versão preliminar e resumida deste artigo foi apresentada sob o título de O Mar, o Feminino, a Mulher, por esta autora, no Colóquio Internacional "Nada mais sei desde que cheguei ao mar". O mar na obra de Marguerite Duras. Comitê organizador: Elizabeth Bittencourt (Corpo Freudiano RJ), Guilherme Massara (UFMG), Luciene G. Oliveira (Pós-Doutoranda - UFSJ), Renata Vasconcellos (Corpo Freudiano - RJ), Simona Crisppa (Université UCO- Angers). Bibliomaison, 4 dez 2023.

² Psicanalista, associada ao Corpo Freudiano, Escola de Psicanálise - RJ, Advogada, Mestre em Direito, e Doutoranda em Psicanálise Saúde e Sociedade, na Universidade Veiga de Almeida.

Going through its disturbing lines is the challenge that we explore in its approach between the feminine and the unrepresentable, but which it insists on posing.

Keywords: *Captivation. Unrepresentable. Feminine. Pain. Marguerite Duras.*

Um livro aberto é também a noite. Não sei por que,
essas palavras que acabo de dizer me fazem chorar. Escrever
assim mesmo,
apesar do desespero.
Não: com o desespero.

Marguerite Duras³

Para prestar homenagem à Marguerite Duras (Saigon, 1914 - Paris, 1996), ao irrepresentável, a esse universo desconhecido, enigmático que é o feminino e que ela faz transbordar em suas linhas, destacamos em seu livro *O Vice-Cônsul* (1966), o seguinte trecho: “É preciso perder-se. Não sei. Vais saber” (1982, p. 7). No rastro desse enigma do que é a mulher, fomos arrebatadas por sua escrita e pelo questionamento sobre em que lugar nos encontramos quando escrevemos. Marguerite Duras responde e repetimos que é preciso perder-se.

Sigmund Freud indica que para caminhar numa possível direção, - não de encontro, mas de errância -, poderíamos nos valer dos poetas, esta fonte última a que recorreríamos para responder às indagações sobre o que quer a mulher ou na procura de indícios sobre o que é ser mulher e o que é a feminilidade.

Na busca de respostas sobre o feminino, percorremos o caminho de Marguerite Duras e do que esta autora nos indicou ser “uma das coisas mais importantes de sua vida, a dor” (Duras, 2023b, p. 12). A dor, manifestada sob as mais variadas formas, é tema constante em seus textos, assim como o amor.

Encontramos em seus escritos “aquela região ainda não explorada”, “aquele branco da sequência” do feminino. E talvez seja esse branco da sequência, esse buraco, “esse esquecimento do sofrimento” que provoque um sentimento de dor (Duras; e Gauthier, 1974, p.16).

Em *A Dor* (1985), texto em forma de diário, escrito durante a Segunda Guerra Mundial, - décadas depois por ela encontrado, embora ela mencione não lembrar de tê-lo escrito - nele, a autora revela a angústia pela espera do marido que fora preso pela Gestapo e deportado para um campo de concentração; relata-nos sobre a esperança de que ele estivesse

³ DURAS, [1993], 2023a, p.39.

vivo, sua participação no movimento da resistência francesa e a dor que era tão sufocante e tão grande, que a deixava sem ar. Uma espera avassaladora na qual a dor, a morte e o amor sempre estiveram presentes.

Seria esse esquecimento indicado no diário uma necessidade para se afastar da experiência de choque, da experiência traumática de sua vivência naqueles momentos da guerra ou em outros também – de sua infância? Seria uma necessidade para que pudesse seguir adiante? Seguir adiante, significaria prosseguir a partir da dor e da certeza da escrita?

A autora relata em *O Amante* (1984), o trecho a seguir:

Quinze anos e meio. O corpo é franzino, quase mirrado, seios ainda de criança, pintada de rosa-pálido e vermelho. E aquela roupa que poderia provocar risos, mas da qual ninguém ri. Sei que tudo está aí. Tudo está aí e nada ainda foi posto em prática, vejo nos olhos, tudo já está nos olhos. Quero escrever. Já disse a minha mãe: o que eu quero é escrever (Duras, 2003, p.20).

Seguir adiante seria afastar-se daquelas aflições e esmagamentos, dos quais o que resta “são apenas sofrimento em toda parte, sangramentos e gritos”? (Duras, 2023b, p.41).

Ela se pergunta como pode ter escrito “esta coisa” – o diário - que não sabe nomear e que a assusta quando o relê. Afastamento e aproximação da dor e do amor passeiam por seus textos.

Em *O Amante*, a dor e o amor comparecem na narrativa do que parece ser um de seus livros mais autobiográficos. Recordações de sua infância, na qual a solidão e o desamparo que a marcaram de forma permanente, são expostos quase sem véus. Todo pudor que tivera em seus outros livros, ela o perdera neste texto, como revela: “Escrevi muito sobre essas pessoas da minha família, mas enquanto o fazia eles ainda estavam vivos, a mãe e os irmãos, e escrevi em torno deles, em torno dessas coisas sem chegar até elas” (Duras, 2003, p. 10).

A mãe, “completamente louca”, estranha, imprevisível, personagem central de toda sua história de desamparo, que, em seus trajetos para o pensionato onde vivia, sempre a confiava aos motoristas dos ônibus de Saigon.

Essa mãe, que colocada ficcionalmente em um dos personagens de seu texto *O Vice-Cônsul*, a expulsa de casa e lhe diz: “Se voltares porei veneno no teu arroz para te matar” (Duras, 1982, p. 8) e continua

Amanhã, ao nascer do sol, vai-te daqui solteirona grávida que envelhecerá sem marido, meu dever é para com os sobreviventes que um dia hão de deixar-nos...vai-te para longe ... em caso nenhum deves voltar... nenhum... vai-te para bem longe, tão longe que eu não possa fazer a menor ideia do lugar em que estiveres... ajoelha-te diante de tua mãe e vai embora (Duras, 1982, p. 8).

Dentre essas suas recordações, ainda, em *O Amante*, Duras fala de seu irmão mais velho, a quem a mãe protegia e a quem Duras queria matar. Queria eliminá-lo para sempre daquela família louca, aquele irmão autoritário, malfeitor, sem escrúpulos e que lhes dava pavor. Queria matá-lo para salvar seu irmão mais novo da maldade sufocante e opressora daquele e impor um castigo à sua mãe por tê-lo preferido, amado e privilegiado tão intensamente

e sobretudo para salvar o meu irmãozinho, eu pensava, meu irmãozinho, meu menino, da opressão da vida desse irmão mais velho que pesava sobre a sua, desse véu negro encobrindo o dia, da lei que ele representava, promulgada por ele, um ser humano, e que era uma lei animal, e que a cada instante de cada dia lançava a sombra do medo sobre a vida de meu irmão mais moço, um medo que atingiu afinal seu coração e provocou sua morte (Duras, 2003, p. 10).

Em seus escritos, fica transparente a dor por essa preferência da mãe pelo irmão mais velho, o único a quem ela chamava, meu filho.

Mas, ao mesmo tempo, ela, a mãe, era lembrada com amor – “minha mãe, meu amor, seu andar incrível com as meias de algodão cerzidas por Dô”, a governanta que jamais a abandonaria (Duras, 2003, p. 22).

A infância da autora foi vivida na Indochina francesa e, em seus livros, o oceano Pacífico e a foz do rio a enviavam à sua infância, a ela e a seu irmão mais moço, “seu irmãozinho”, por quem Duras nutria um grande amor, conforme a seguir:

Ela - Vejo você com quinze anos, com dezoito anos. Você foi nadar e está voltando, está saindo do mar agitado, e se deita sempre perto de mim, pingando de água do mar, o coração batendo depressa por causa do nado rápido, e você fecha os olhos, que o sol está forte. Olho você depois do medo atroz de perdê-lo, tenho doze, quinze anos, a felicidade poderia ser, naquele momento, olhar você vivo (Duras, 1981, p. 14).

O mar, na obra de Marguerite Duras, sinaliza a representação tanto da liberdade quanto do isolamento. É um espaço aberto, vasto, que permite ter uma sensação de libertação das restrições que se lhe impunham à vida cotidiana mas que, ao mesmo tempo, tal vastidão simbolizava a solidão e a sensação de estar sempre à deriva, sem um destino claro.

Marés que vêm e vão, a superfície que nunca é a mesma, tudo é transitório, em permanente mudança, o mar refletindo a impermanência da natureza da vida e das emoções humanas. Ao mesmo tempo, o mar simbolizava, também, um elo com seu passado, permanentemente trazendo à tona lembranças e memórias que flutuavam na mente de seus personagens.

Em obras como *O Amante*, o mar está associado às lembranças de sua juventude e de seus amores perdidos com constante carga nostálgica. Palco de intensos conflitos, o mar reflete a turbulência interior de seus personagens, funciona como espelho de suas lutas e desejos internos, cenário físico e metáfora para a mente inquieta e os sentimentos turbulentos da narradora.

Em *O Marinheiro de Gibraltar* (1952), o mar não é apenas um espaço de contemplação passiva. Ele é ativo, dinâmico e ameaçador. Neste livro, o mar se torna um lugar de busca e desespero, no qual a protagonista Anna navega em busca de um amante perdido, embarcando em uma jornada que é tanto física quanto afetiva. O mar, aqui, simboliza a vastidão do desejo humano e a incerteza das buscas pessoais.

Em *O Amante da China do Norte* (1991), o mar parece ser uma exploração de identidade, ponte entre diferentes mundos e culturas, espaço de transição e transformação. Neste texto, Duras utiliza o mar para

explorar questões de pertencimento e alienação, destacando como as identidades são moldadas e remoldadas pelo tempo e pelo espaço. O mar, com sua capacidade de conectar e separar, torna-se um símbolo poderoso da experiência humana.

A mãe é figura central em torno da qual gravitam suas memórias, de ausência, loucura, desespero, desamparo, revelando forças tanto de cuidado como de destruição na vida de Duras. Sua influência opressora e esmagadora deixou profundas marcas, não só de proteção, mas também de angústia que se fizeram presente em grande parte de seus textos.

Ao mesmo tempo resistente e sofredora em sua luta de cuidado e alimentação da família, Duras reconhece nessa mãe a força que a fazia resistir aos desafios da vida por ter tido que enfrentar sozinha, após a morte precoce do marido, as dificuldades financeiras e os preconceitos sociais de sua época.

Em *O Amante*, Duras aproxima sua figura tanto da vastidão quanto dos mistérios do mar e da própria existência humana. Saudade, solidão, ódio, amor e desamparo são constantemente lembrados em sua obra *Escrever* (1993), como vemos abaixo:

A solidão da escrita é uma solidão sem a qual a escrita não acontece, ou então se esfarela, exangue, de tanto buscar o que mais escrever. Perde o sangue, não é mais reconhecida pelo autor... É preciso haver sempre uma separação entre a pessoa que escreve os livros e as que a rodeiam. É uma solidão. É a solidão do autor, a da escrita (Duras, 2023a, p. 25).

Em seus livros, Duras reconhece as passagens que retratavam as histórias de sua infância. O amor por seu irmão mais moço, sua imagem frágil, magra, com um constante medo que ele tinha do primogênito, com seu porte forte, frio, insultuoso e violento.

Em *O Amante*, relata:

Nas histórias dos meus livros que se referem à minha infância, não sei mais o que evitei dizer, o que disse, acho que falei sobre o amor que dedicamos a nossa mãe, mas não sei se falei do ódio também e do amor que havia entre todos nós, e do ódio também, terrível, nessa história comum de ruína e de morte que era a história daquela família, a história do amor como a história do ódio e que foge ainda à minha compreensão, é ainda

inacessível para mim, escondida nas profundezas da minha carne, cega como um recém-nascido de um dia (Duras, 2003, p. 24).

E ela, sua mãe, ao mesmo tempo, lúcida, lhe diz: “talvez você se liberte”.

A loucura de sua mãe é descrita por Duras de forma vívida e angustiante:

Foi ali, na última casa, a do Loire, quando ela terminou seu vaivém incessante, no fim de tudo para aquela família, foi ali que percebi claramente a loucura pela primeira vez. Compreendi que minha mãe era completamente louca. Vi que Dô e meu irmão sempre tiveram acesso a essa loucura. Mas eu não, jamais a compreendi. Jamais vi minha mãe como louca. Mas ela era. De nascença. Estava no sangue. Não era uma doença a sua loucura, ela a vivia como se fosse sã (Duras, 2003, p. 28),

A obra de Marguerite Duras é frequentemente descrita como uma jornada pelo feminino irrepresentável. Através de suas narrativas, ela explora as profundezas do feminino, utilizando-se de símbolos e metáforas para dar forma ao que é essencialmente inefável.

Em suas descrições, o mar comparece não apenas como um cenário, mas como uma representação do desconhecido e do enigmático – uma metáfora para o feminino que se recusa a ser plenamente compreendido ou representado.

Duras mergulha no “branco da sequência” (Duras; Gauthier, 1974, p.16), esse espaço vazio e inexplorado do feminino o qual Jacques Lacan descreve em seu ensino como irrepresentável. Ela desafia os leitores a confrontar esse vazio, a reconhecer a presença de algo que está além das palavras. A sua escrita é uma tentativa de dar voz a esse vazio, de trazer à luz aquilo que está oculto, por debaixo dos véus da experiência feminina.

A relação de Duras com a Psicanálise, especialmente com as teorias de Jacques Lacan, oferece uma lente deslumbrante para entender o seu trabalho. Lacan sugere que a linguagem é insuficiente para representar plenamente a experiência humana e Duras parece explorar essa insuficiência em suas narrativas. Ela utiliza a escrita como um meio para explorar o irrepresentável, para dar forma ao que não pode ser dito. Suas

histórias são permeadas por uma busca incessante para capturar o inefável, para dar voz ao silêncio.

Em *O Arrebatamento de Lol V. Stein* (1964), Duras, mais uma vez, nos convida a mergulhar no mar do indizível do universo feminino. Neste seu romance, considerado um dos mais emblemáticos, a autora permite desvendar o enigma do feminino, da mesma forma com que apresenta os mistérios do mar. O fascínio estético exposto à protagonista pela imagem de outra mulher nesta obra, que nos leva a viajar até o extremo do que pode ser dito, foi observado por Lacan em sua homenagem à Marguerite Duras, como vemos a seguir:

Arrebatamento – essa palavra constitui para nós um enigma. Será objetiva ou subjetiva naquilo em que Lol. V. Stein a determina?

Arrebatada. Evoca-se a alma e é a beleza que opera. Desse sentido ao alcance da mão iremos desembaraçar-nos como for possível, com algo do símbolo (Lacan, 2003, p. 198).

Para Lacan, no texto *Homenagem a Marguerite Duras pelo “Arrebatamento de Lol V. Stein”*, publicado nos *Cahiers Renaud-Barrault*, em dezembro de 1965 e em seus *Outros Escritos*, a arte de Duras é arrebatadora e nós é que somos os arrebatados.

Ao lembrar Freud, Lacan ensina que

A única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é a de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho...

Foi precisamente isso que reconheci no arrebatamento de Lol V. Stein, onde Marguerite Duras revela saber sem mim aquilo que ensino.

No que não diminuo em nada seu talento por apoiar minha crítica na virtude de seus meios (Lacan, 2003, p. 200).

Aliás, a arte está à frente do psicanalista e à frente do nosso tempo. O criador possui um saber psíquico que compõe a sua criação, conforme ele declara: “Que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é tudo de que darei testemunho ao lhe prestar homenagem” (Lacan, 2003, p. 200).

Duras usa a dor e o amor como veículos para explorar a experiência feminina. Em seus textos, a dor é tanto um tema quanto um método de exploração.

Lacan, em homenagem à autora, declara que sobre o amor e a dor em *O Arrebatamento*, Duras “revela o que acontece com o amor, ou seja, com essa imagem, imagem de si de que o outro reveste você e que a veste, e que, quando desta é desinvestida, a deixa? O que ser embaixo dela?” (Lacan, 2003, p. 201).

Surpresa, Duras parece não ter compreendido totalmente esse comentário de Lacan que ela reproduz em *Escrever*: “Ela não deve saber que escreve aquilo que escreve. Porque ia se perder. E isso seria uma catástrofe” (Duras, 2023a, p. 30).

Ao mesmo tempo, considera que as palavras do psicanalista se tornaram para ela “uma espécie de identidade de princípio, de um ‘direito de falar’ totalmente ignorado pelas mulheres” (Duras, 2023a, p. 30).

A dor do amor, da perda, da espera, é uma constante em suas narrativas. Essa dor é o que a move, o que a impulsiona a escrever. E é através dessa dor que ela se aproxima do irrepresentável, do feminino que escapa à definição e à representação.

E ela escreve, assim mesmo, com essa dor, ou apesar da dor e do desespero.

Um livro aberto é também a noite.
Não sei por que, essas palavras que acabo de dizer me
fazem chorar.
Escrever assim mesmo, apesar do desespero. Não: com
o desespero (Duras, 2023a, p. 39).

Os livros de Marguerite Duras são dolorosos de ler.

Em transcrição de conversas realizadas com a jornalista Xavière Gauthier, que deu lugar ao livro *Boas Falas, Conversas sem Compromisso*, em 1974, Duras diz que essa dor que se presentifica na leitura de seus textos deveria nos conduzir a um terreno de experimentação. Seus livros são dolorosos de ler e de escrever, porque nos levam a um “trabalho relativo a uma região... ainda não explorada... ainda não trazida à luz” (Duras; Gauthier, 1974, p. 16).

Esse terreno de experimentação que Gauthier indica ser o buraco, o branco da sequência, no qual ninguém ainda tivesse “posto o dedo na ferida”, o qual ninguém ainda o tivesse mostrado, Duras o aproximou do feminino.

Mostrar esse branco talvez seja o que cause doença, dor, e, nesse sentido, seria inteiramente subversivo; é o branco ou buraco da sequência subversiva, esse estranhamento ou aquilo que deveria ter continuado oculto, desconhecido, e que para nós, também, não seria possível acessar, mas, sim, fazer o seu som ressoar.

A obra de Marguerite Duras continua a ecoar através do tempo, influenciando escritores, cineastas e artistas.

Seu legado é uma prova de sua habilidade única para capturar o inefável, dar voz ao silêncio. Suas narrativas, cheias de dor e amor, de busca e perda, continuam a desafiar e a inspirar, convidando-nos a explorar os recessos mais profundos da experiência humana.

Referências

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Trad. Luciene Guimarães. Belo Horizonte: Editora Relicário, 2023a

DURAS, Marguerite. *A Dor*. Trad. Luciene Guimarães e Tatiane França. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023b.

DURAS, Marguerite. *O Arrebatamento de Lol V. Stein*. Trad. Adriana Lisboa. Belo Horizonte: Relicário Edições. 2023.

DURAS, Marguerite. *O Marinheiro de Gibraltar*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Relógio D'Água, 2023c.

DURAS, Marguerite. *O Amante da China do Norte*. Trad. Denise Rangé Barreto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

DURAS, Marguerite. *O Amante*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo. 2003.

DURAS, Marguerite. *O Vice-Cônsul*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

DURAS, Marguerite. *Agatha*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

DURAS, Marguerite e GAUTHIER, Xavière. *Boas Falas: Conversas sem Compromisso*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Record, 1974.

DURAS, Marguerite. *Hiroshima Meu Amor*. Trad. Adriana Lisboa. Belo Horizonte. Relicário. 2022.

LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RESNAIS, Alain. *Hiroshima, Meu Amor* (Filme). Roteirista: Marguerite Duras. 90 min. 1959. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/hiroshima-meu-amor/t/r5Vd8HD1bF/>. Acesso em 010624.

Recebido em: 13 de junho de 2024

Aceito em: 22 de agosto de 2024